

NOSTALGIA: TRADUÇÃO DO CONTO “HOMESICKNESS” (1903) PARA O PORTUGUÊS

NOSTALGIA: TRANSLATION OF THE SHORT STORY “HOMESICKNESS” (1903) INTO PORTUGUESE



George MOORE (1852–1933)¹

Traduzido por:

Júlia SERRANO

Mestra

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Comunicação e Expressão

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/8817363319010794>

<https://orcid.org/0000-0002-1327-4233>

serrano.julia.js@gmail.com

1

Resumo: George Moore (1852—1933) nasceu no Condado de Mayo, Irlanda, e escreveu prosa, poesia, teatro, com temáticas que versavam sobre a sociedade irlandesa e inglesa da virada do século (Jeffares, 1965). Ele conviveu com as sequelas do período conhecido como a Grande Fome, quando as plantações da Irlanda sofriam com pragas e não eram suficientes para alimentar sua população, e se envolveu com o Renascimento Cultural Irlandês, um movimento que pretendia alçar a Irlanda como centro cultural e artístico, tudo isso dentro de um contexto de convivência conturbada com a Inglaterra colonizadora. Seus textos exploram muitos dos questionamentos e problemas sociais do seu contexto histórico e pessoal na Irlanda, França e Inglaterra, onde viveu, além de suscitar várias reflexões íntimas sobre o eu, o papel social do eu e, também, sobre o eu artista (Pierse, 2006). Um deles foi “Homesickness” (1903), o conto aqui apresentado. Nele, o autor aborda as questões da Grande Fome e da imigração de irlandeses partindo do ponto de vista de James Bryden, um irlandês do vilarejo de Duncannon, que migrou aos Estados Unidos ainda jovem, mas que precisa voltar à Irlanda para convalescer. O conto faz parte de uma série de textos ambientados na Irlanda rural — tal qual o Condado de Mayo —, publicados inicialmente na coleção *The Untilled Field* (1903), no período em que seu autor participou do Renascimento Literário Irlandês, o *Irish Revival*.

Palavras-chave: George Moore. Imigração. Irlanda. Literatura irlandesa. Tradução literária.

Abstract: George Moore (1852—1933) was born in County Mayo, Ireland, and wrote prose, poetry, and theatre, using themes that dealt with Irish and English society at the turn of the 19th century (Jeffares, 1965). He lived with the after-effects of the period known as the Great Hunger—when Ireland’s crops suffered from plagues and were not enough to feed its population—, and he became involved with the Irish Revival, a movement which intended to reclaim Ireland as a cultural and artistic centre, all within a context of turbulent coexistence with England, its colonizer. His texts explore many of the questions and social problems of his historical and personal context in Ireland, France, and England, where he lived, in addition to inciting intimate reflections on the self, the social role of the self, and on the artist-self (Pierse, 2006). One of these texts was “Homesickness” (1903), the short story presented here. In it, the author addresses the issues of the Great Hunger and Irish immigration from the point of view of James Bryden, an Irishman born in the village of Duncannon, who migrated to the United States at a young age but needs to return to Ireland to convalesce. The short story is part of a series of texts set



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

in rural Ireland and was initially published in the collection The Untilled Field (1903), during the period in which its author participated in the Irish Literary Revival.

Keywords: George Moore. Immigration. Ireland. Irish Literature. Literary Translation.

George Moore e a Irlanda

A Irlanda na virada do século XIX para o XX era um país em recuperação. Um país que ficou doente já antes da metade dos anos 1800. Marcado pela Grande Fome, como é chamada a praga nas plantações que alimentavam a população irlandesa — especialmente a de batatas —, o país viveu um período de êxodo intenso tão grande que a população emigrada, cerca de seis milhões de pessoas, superava o contingente populacional do início do século XIX (Kenny, 2018). Em grande parte, essa emigração ocorreu devido ao cenário complicadíssimo para a subsistência. Nesse contexto, agravado pela animosidade crescente entre a Irlanda e a Inglaterra colonizadora, surgiu o movimento cultural conhecido como *Irish Revival* (ou “Renascimento Cultural Irlandês”), principalmente no âmbito da literatura e do teatro.

2 O Renascimento Irlandês reuniu nomes como os de William Butler Yeats (1865–1939); George William Russel (1867–1935), conhecido como “Æ”; Douglas Hyde (1860–1949); John Millington Synge (1871–1909); Lady Gregory (1852–1932) e, ainda que temporariamente, o artista e escritor George Augustus Moore (1852–1933) (Kain, 1962; Casanova, 2002; Jeffares, 1965). Este último nasceu no Condado de Mayo, no oeste da Irlanda, e escreveu sobre a sociedade irlandesa e inglesa da virada do século (Jeffares, 1965). Tendo convivido com as sequelas da Grande Fome e se envolvido com o Renascimento Cultural Irlandês, George Moore escreveu textos que exploravam muitos dos questionamentos e problemas sociais do seu contexto histórico e pessoal na Irlanda, além de suscitar várias reflexões íntimas sobre o eu, o papel social do eu e, também, sobre o eu artista (Pierse, 2006).

Um deles foi “Homesickness” (1903), o conto apresentado neste trabalho. Nele, o autor aborda as questões da Grande Fome e da imigração de irlandeses partindo do ponto de vista de James Bryden, um irlandês do vilarejo de Duncannon, que migrou aos Estados Unidos ainda jovem, mas que precisa voltar à Irlanda para convalescer. O conto faz parte de uma série de textos ambientados na Irlanda rural — tal qual o Condado de Mayo —, publicados inicialmente na coleção *The Untilled Field* (1903).

O autor de “Homesickness” (1903) era ele próprio uma espécie de imigrante, tendo passado mais tempo fora da Irlanda do que dentro dela. Viveu parte de sua vida na França, em

Paris, onde ocupou-se temporariamente da carreira de pintor, e em Londres, onde se desenvolveu mais profundamente como escritor, após desistir da pintura (Jeffares, 1965). Seu protagonista, James Bryden, carrega consigo a eterna saudade de um lar que não sabe ao certo onde está, agora que é imigrante.

Moore é um artista pouco traduzido em português, que no momento da escrita deste comentário e da feitura da tradução, não possuía nenhuma tradução literária conhecida publicada no Brasil, exceto a tradução da história de Albert Nobbs em Portugal. “Albert Nobbs”, conto publicado em *Celibate Lives* (1927), foi traduzido por Aníbal Fernandes, com o título de *O outro sexo de Albert Nobbs* (1987). A outra única tradução identificada ao português foi uma tradução do conto aqui apresentado, “Homesickness” (1903), por Augusta Vono, que recebeu o título *Saudade de Casa* (1996). Essa tradução foi publicada na obra *Guirlanda de Histórias: Uma Antologia do Conto Irlandês*, organizada por Munira Hamud Mutran, em 1996, e reproduzida em *A Batalha das Estéticas* (2015), também de Mutran. Essas obras têm sua distribuição reduzida, sendo de difícil acesso. Como seu conhecimento e possibilidade de leitura só se deram após a decisão de traduzir e a efetiva tradução aqui comentada, ela não foi considerada no presente estudo, mas se torna relevante para possíveis comentários futuros.

E embora não seja amplamente traduzido, através de pesquisa na Plataforma Lattes-CNPQ, revelou-se que o autor irlandês é estudado no Brasil pelas pesquisadoras: Thaís Marques Soranzo, que investiga o tema dos retratos do artista na obra de George Moore, Émile Zola e Gonzaga Duque, já tendo publicado uma dissertação intitulada *Na encruzilhada entre a vida e a arte: um estudo de The Picture of Dorian Gray, de Oscar Wilde e Esther Waters, de George Moore* (2020); Munira Hamud Mutran, que publicou, dentre outros estudos, um capítulo no livro: *George Moore: Artistic Visions and Literary Worlds* (2006), editado por Mary Pierse, e *Portrait Album: George Moore, Oscar Wilde, William Butler Yeats* (2005); Divanize Carbonieri (2016), que já pesquisou a subjetividade em Albert Nobbs, assim como Eliane Borges Berutti (2014); e Solange Ribeiro de Oliveira, que escreveu o prefácio para a obra de Munira Hamud Mutran, *Portrait Album: George Moore, Oscar Wilde, William Butler Yeats* (2005), publicado em português como *Álbum de Retratos: George Moore, Oscar Wilde, William Butler Yeats* (2002).

A tradução aqui comentada é um esforço para divulgar a obra do escritor irlandês, cujo trabalho estético precedeu e foi contemporâneo de outros grandes nomes da literatura irlandesa, como os já mencionados William Butler Yeats e Æ. Além disso, sua obra também dialogou,

em certos momentos, com a de James Joyce, escritor mais jovem. Esse diálogo pode ser visto no caso documentado da intertextualidade presente em *Vain Fortune* (1982) de George Moore e do conto “The Dead” (“Os mortos”), de James Joyce. “Os mortos” faz parte da coleção de contos *Dubliners* (1914), de James Joyce, publicado no Brasil como *Dublinenses* (primeira publicação brasileira em 1992), e sua última cena teria sido inspirada por *Vain Fortune* (1982), como indica Linda Bennett George em *Moore and James Joyce: Story-Teller versus Stylist* (1977): “Joyce elogiou *Vain Fortune* (1892) — que o próprio Moore considerava ser um de seus piores romances — e afirmou ter sido esse a inspiração para “Os Mortos”, enquanto Moore considerou “Os Mortos” ‘a única história digna de ser lida em *Dublinenses*.’ (Bennet, 1977, p. 275, tradução da autora²).

Delimitar um conceito de tradução não é uma tarefa simples. No entanto, para orientar a tradução desenvolvida neste trabalho, é preciso adotar uma perspectiva específica. Partiu-se dos conceitos propostos por Paulo Henriques Britto (2016), Jiří Levý (1963) e Christiane Nord (2018), que serão discutidos mais detalhadamente a seguir, para embasar a abordagem utilizada na tradução de “Homesickness” (1903).

4

De *Homesickness* (1903) a *Nostalgia* (2023)

Chegar a “Nostalgia”, o texto traduzido do conto irlandês de George Moore, foi uma jornada que envolveu a aplicação da teoria aprendida durante estudos formais e a experiência desenvolvida em traduções prévias.

A abordagem tradutológica aplicada ao texto seguiu princípios metodológicos propostos por Paulo Henriques Britto (2016), e estabeleceu prioridades tradutórias, atentando àquilo que for marcado (incomum) ou não marcado (comum) no texto, para melhor *representar* o texto na língua portuguesa, como proposto por Jiří Levý (1963), que defende a ideia de “representar uma obra literária [...] do mesmo modo que um ator representa o papel de Hamlet no palco” (Britto, 2016, p. 26). De maneira semelhante, traduzir é, portanto, a ação de levar um texto a outras pessoas. Christiane Nord (2018, p. 138) diz que traduzir é “qualquer ação tradutória pelo meio da qual um texto é transferido a uma cultura e língua alvo”. Atentar para a cultura e língua alvo é, portanto, atentar para o objetivo da tradução, o seu propósito. Observar a literariedade do texto, buscar a melhor forma de como representá-la e ter cuidado para levar isso ao texto traduzido faz parte do princípio da *lealdade* (Nord, 2016 [1989]). Uma forma de entender o que a “fidelidade” deveria ser. A lealdade é dar conta, de maneira atenciosa, de todos os sistemas, e das figuras desses sistemas, que estão relacionados à tradução.

Aqui, o fim pretendido é dar vida ao texto de George Moore na sociedade brasileira do século XXI, é mostrar às pessoas leitoras um pequeno e belo fragmento da literatura irlandesa que, sem muito esforço, pode ser abstraída como uma leitura de problemas e complexidades do povo do Brasil. Representar George Moore a partir desse objetivo significa mostrar o texto no seu contexto histórico, e com o estilo próprio do autor, realizando interferências maiores, como alterações de paragrafação, apenas quando for necessário ou quando se julgar propício para os valores éticos da tradutora.

A leitura atenta do conto destacou os seguintes pontos como relevantes na “hierarquia” proposta por Britto (2016), tendo em vista a finalidade do texto, mencionada acima: a) os aspectos lexicais específicos, como o vocabulário do inglês da Irlanda, a marcação linguística da historicidade e de elementos sócio-políticos; b) os aspectos sintáticos, como a grande presença de orações coordenadas como marca estilística, a prosa linearmente monótona e a pontuação “leve”, que aumenta a extensão das sentenças, provoca ambiguidades e não faz o texto parar, ainda que seu andamento seja lento; c) e os aspectos temáticos da “homesickness”, a saudade de casa, a “doença do lar”, e seu vínculo com a construção do ambiente ao redor dos personagens, que faz o leitor ver a partir da impressão subjetiva do personagem protagonista. Esses elementos serão mais bem trabalhados nas seções seguintes.

No quesito dos aspectos sintáticos, a redação foi alterada apenas quando ficou perceptível que sua manutenção causaria uma marcação desigual no novo sistema linguístico. Além de outros aspectos de adaptação para a tradição literária do Brasil, como por exemplo a marcação dos diálogos, que na literatura inglesa é feita tradicionalmente com aspas duplas, sem separação do restante do texto, e que na tradução aqui apresentada foram marcados com o uso do travessão, destacados em novos parágrafos, a tradução aqui oferecida, por exemplo, a pontuação, como as vírgulas e pontos, pode ter sido alterada para favorecer a fluência do texto em português, como no trecho retirado da tradução apresentada mais adiante: “Margaret was the herdsman’s daughter, and she lived in a cottage near the Big House; but she came up to the village whenever there was a dance, and Bryden had found himself opposite to her in the reels. But until this evening he had had little opportunity of speaking to her [...]” / “Margaret era filha do ordenhador e vivia numa cabana próxima à Casa Senhorial, mas sempre ia até a vila quando havia um baile. Bryden se viu do lado oposto ao dela na linha de pesca, mas até esta noite, não tivera oportunidade de falar com a mulher [...]” (Moore, 1903, destaques da autora).

Outra instância de mudança pode ser vista nas vozes de determinadas frases, que podem ter sido alteradas para não criar um texto mais truncado do que seria na ocorrência em inglês,

como o trecho no quadro abaixo. Como pode ser visto, a alteração da voz move o foco da frase em favor de uma leitura menos carregada de encaixamentos na frase. Outras possibilidades poderiam ser consideradas, mas a título de exemplo, o excerto no Quadro 1 demonstra como a voz passiva oferece execuções diferentes nas duas línguas e pode afetar a marcação ou não marcação do texto.

Quadro 1 — *Comparativo de opções de tradução*

Texto-fonte	Upon this headland the peasantry had been given permission to build their cabins by former owners of the Georgian house standing on the pleasant green hill.
Sem alteração da voz passiva	Sobre estas terras, o campesinato recebeu permissão para construir suas casas de donos anteriores da mansão georgiana sobre a agradável colina verdejante.
Com alteração da voz passiva (opção da tradução)	Os donos passados da mansão georgiana, erguida sobre a agradável colina verdejante, haviam permitido aos camponeses que construíssem suas moradias nesse terreno.

Fonte: elaborado pela autora.

O “Vocabulário Irlandês”

6

“Homesickness” (1903) é marcado temporalmente e geograficamente pelo uso de expressões e vocábulos específicos da Irlanda e do século XIX. O Quadro 2 abaixo, mostra alguns desses termos encontrados ao longo do texto, a partir dos quais formou-se pequeno glossário. Esse vocabulário específico de apenas uma das culturas envolvidas na tradução é definido por Javier Aixelá (2013) como Item-Cultural Específico (ICE).

Os ICEs são palavras e expressões que têm o seu sentido possivelmente obscurecido na tradução, seja por desconhecimento do tradutor, seja pela distância temporal e geográfica entre o texto-fonte e o texto-meta, seja pela ausência daquele item na cultura do texto-meta. Por exemplo, o entendimento da palavra “car” na Irlanda do ano de 2024 é diferente do entendimento da palavra “car” (vide Quadro 2) na Irlanda do ano 1903, igualmente para o Brasil de 2024. Essa distância temporal obscurece o sentido dentro da própria língua e entre as línguas-fonte e meta. A palavra “townland”, por outro lado, tem o seu sentido obscurecido por fazer parte apenas da estrutura social da Irlanda, não tendo um “correspondente direto” na cultura-meta, como será visto mais abaixo.

Mas independente do motivo do distanciamento entre as palavras e expressões do texto-fonte e a cultura, palavras e expressões do texto-de chegada, a tradução, e o tradutor, deve encarar essas ocorrências como problemas ou desafios da tradução, buscando estratégias para lidar com tais problemas e desafios. A opção feita pelo tradutor pode ser a mesma ou pode ser

diferente, mesmo para itens cuja especificidade se dê por motivos similares. O Quadro 2 abaixo mostra escolhas feitas na tradução aqui apresentada:

Quadro 2 — *ICES da Irlanda*

Termo no texto-fonte (EN)	Tradução (PT-BR)	Definição
Acres	Hectares	“Hectares” é a medida mais utilizada para medir grandes áreas de terra. As medidas foram, então, convertidas a hectares na tradução.
Big House	Casa Senhorial	Estas eram as casas dos senhores donos de terra (senhorios), grandes em comparação às demais; as Casas Grandes da herança portuguesa no Brasil funcionam de maneira similar: mansões suntuosas que requerem muitas pessoas para funcionar, e que mostram a opulência e o poder da família que as habita. Entretanto, a relação entre os senhores de terra da Inglaterra e Irlanda com os camponeses que viviam em suas terras era profundamente diferente da que os senhores de terra do Brasil possuíam com os escravos. Para evitar essa comparação, a tradução literal foi evitada. Optou-se por “Casa Senhorial”, um termo emprestado da cultura lusitana e de ocorrência similar, que foca na função da habitação, servir de moradia para os senhores (Carita, 2015).
Bowery Slum	Favela do [bairro] Bowery	A Favela do Bowery fica em Nova Iorque, bairro que recebeu grande número de imigrantes, muitos irlandeses, e que cresceu bastante no século XIX.
Car	Coche	No contexto do conto, “carro” não significa o mesmo que significaria hoje. Na época, um dos maiores serviços de transporte público era o de carruagens ou coches. A opção por “coche” foi para localizar o serviço na Irlanda, pois havia, na época, o <i>Bianconi Coach Service</i> , um serviço de transporte que, de acordo com Brian Igoe (2012), teria revolucionado o transporte irlandês do século XIX. A companhia foi fundada por um imigrante italiano, justamente de onde vêm as carruagens chamadas de coches. O serviço de Bianconi cobria rotas de Belfast até Cork, cidade próxima ao vilarejo de Duncannon.
Demesne	Domínio	Área de posse do senhor das terras, divisão oriunda do sistema feudal.
Georgian house	Casa georgiana	Relativo ao estilo georgiano de arquitetura que dominou, principalmente, a paisagem dublinense até o período de George Moore (Kain, 1959).
King’s County	King’s County [Condado de Offaly]	<i>County</i> , ou “condado”, é uma divisão territorial da Irlanda. Após buscas, foi descoberto que o nome King’s County foi alterado futuramente ao momento da escrita do texto, sendo chamado hoje em dia de Condado de Offaly, mas o nome antigo continua sendo usado em documentos oficiais. Como a intenção não é criar um anacronismo, o nome foi mantido em inglês.
Lake dwellers	Moradores do lago	Construíam casas junto à água.
Landlord	Senhorio	<i>Landlords</i> eram, no século XIX, os proprietários das terras e tinham controle irrestrito sobre a utilização agrícola da propriedade e sobre seus inquilinos, podendo, inclusive, despejá-los (UK Parliament, n.d.). <i>O Capital</i> (2013), de Karl Marx, fala, em parte, sobre a Inglaterra e a Irlanda em período similar ao da diegese do conto e da realidade do autor, servindo, portanto, de boa referência para a consulta para uma

Termo no texto-fonte (EN)	Tradução (PT-BR)	Definição
		possível tradução prévia. O tradutor, Rubens Enderle, entretanto, manteve o vocábulo (<i>landlord</i>) em inglês. A tradução aqui comentada preferiu traduzir ao português com uma palavra diferente daquela comumente utilizada no nosso próprio sistema de terras, Senhor, para indicar uma diferença de título, função, direitos e deveres.
Parish	Paróquia [paróquia civil]	Originalmente se tratava de uma divisão eclesiástica da Igreja Católica, mas hoje em dia continuam sendo utilizadas como divisão administrativa do governo (Tailte Éireann, n.d.).
Peasant	Camponês	Arrendatários das terras. O termo em português seguiu a tradução de Rubens Enderle de <i>O Capital</i> (Marx, 2013), por Karl Marx, que fala, em parte, sobre a Inglaterra e a Irlanda em período similar ao da diegese do conto e da realidade do autor.
Peat fire	Fogueira de turfa	Fogueiras feitas usando turfa e colocadas no chão, mesmo dentro de casa.
Townland	Povoação	O termo <i>townland</i> refere-se a uma divisão administrativa territorial, a menor de todas, da Irlanda. Datando dos tempos medievais ou anteriores, foram usadas para fornecer endereço rastreável e posteriormente como base para concessões de plantações nos séculos XVI e XVII, também para transações regulares de terras, como aluguéis, e como a divisão principal nas principais avaliações de terras, pesquisas e censos (Irish Family History Foundation, n.d.). É específica do país e não possui um equivalente administrativo até onde a pesquisa pôde encontrar. Não possui tradução consolidada.

Fonte: elaborado pela autora.

Como é possível notar através da leitura do quadro, a tradução acabou se afastando ocasionalmente da intenção de traduzir o comum pelo comum e o incomum pelo incomum. Apesar de querer mostrar a presença da Irlanda no texto, a opção foi mostrá-la, sempre que possível, a partir de termos em português, já que outra finalidade do texto é aproximar a literatura irlandesa do leitor brasileiro.

Buscando esse equilíbrio, decidiu-se, por exemplo, manter o nome próprio do condado em inglês, já que é um nome marcado temporal e geograficamente, que existe apenas no passado e não possui tradução oficial. Ao buscar o termo, um leitor não encontrará nada procurando por “Condado de King” ou “Condado do Rei”; apenas em inglês poderá encontrar respostas. O texto traduzido aqui inclui termos que só existem em inglês, como *landlord* e *townland*, este último, inclusive, sendo específico do contexto irlandês. No entanto, manter *landlord* não acrescenta ao entendimento do leitor brasileiro e pode causar um estranhamento desnecessário, tendo em vista que o conto em si já explica a relação dele (o senhor das terras) com os camponeses. De toda forma, para preservar um pouco desse estranhamento — já que os *landlords* são específicos de uma organização social —, a opção na tradução foi utilizar o

termo “senhorio”, que existe em português e é sinônimo de “senhor”, mas menos comum, e pode oferecer ao leitor um leve estranhamento, mostrando que se trata de uma posição diferente, não um equivalente direto (um a um) em sua cultura mais próxima.

Townland, por outro lado, é um termo muito comum para o povo irlandês e não o traduzir seria tornar incomum o comum. Entretanto, por só existir no contexto da Irlanda, esse termo não tem tradução consolidada. Foi encontrada apenas uma única tradução de *townland* no trabalho de Alexandre Sampaio (2008), que decidiu por “municipalidade”, semelhante a município. No entanto, essa opção foi descartada na tradução aqui comentada, pois considerava-se que municipalidade é um espaço bem mais amplo que uma *townland*, tendo em vista que uma cidade (*town*) pode ter várias *townlands* circunscritas em seu território, enquanto uma municipalidade se refere a um único município. A cidade de Dublin, por exemplo, tem 19 *townlands* registradas em seu território, mas elas ocupam menos de 40% do seu território (Co. Dublin, n.d.). Como o conceito de *townland* é difícil de ser apreendido por quem está fora da sociedade irlandesa, faz sentido, para esta tradução, encontrar um termo que seja incomum para o leitor, mas não tão estranho. Nesse sentido, foi escolhido o termo “povoação”, que sugere a organização de uma área pequena, semelhante a uma vila, mas que não é exatamente uma.

9

Outra escolha que pode ser vista como desviante foi a de alterar no discurso narrativo a apresentação dos Estados Unidos da América como simplesmente “América”. Essa opção foi consciente e teve o propósito de desvencilhar a ideia de que as Américas são apenas apêndices dos EUA. Uma busca na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional comprovou que “Estados Unidos” era utilizado no período de 1900–1909, então, do ponto de vista histórico, também não incorreria em um anacronismo. Nas ocorrências em discurso direto, ou no aparente discurso indireto, a ocorrência de “América” foi mantida. A seguir, explica-se melhor o contexto histórico de “Homesickness” (1903).

“Homesickness” (1903) em Contexto

O século XIX da Irlanda foi marcado, principalmente na sua segunda metade, pela Grande Fome — um período em que o país, com uma população pobre largamente dependente da produção de batatas, enfrentou uma situação agravada por várias plantações improdutivas e doentes, que resultou em colheitas pobres em nutrientes. Esse período, entre 1820 e 1845, testemunhou um aumento da emigração irlandesa, mas foi entre 1840 e 1900 que a evasão de irlandeses atingiu seu maior nível, com cerca de 6 milhões de habitantes deixando o país, sendo

que 4 milhões deles foram para os Estados Unidos. Esse número era maior que a população do país europeu no início do século (Kenny, 2018).

Os emigrantes, em grande parte, eram pobres, mas não os mais pobres, provenientes de áreas rurais e com poucas habilidades para o mercado de trabalho urbano. O resultado foi o crescimento da população mais vulnerável tanto nos lugares aos quais esses imigrantes se dirigiram, quanto na Irlanda, que ficou com a mão-de-obra reduzida e com um grande número da população em situação de miséria (Kenny, 2018). Também durante o período da Grande Fome e após a sua ocorrência, a estrutura política da Irlanda foi alterada e um grande número de pessoas foi incluído no eleitorado (Kanter, 2018). Além disso, cresceram as relações entre a religião e os partidos políticos, especialmente com a Igreja Católica, que aumentou em número e em influência política durante o período pós-Grande Fome (Kanter, 2018).

Vale salientar que apesar do problema na produção agrícola ter sido responsável pela crise de desabastecimento, a situação foi agravada pelas práticas e políticas aplicadas pelo governo inglês na Irlanda. O país foi essencialmente uma colônia inglesa, ainda que tenha, paradoxalmente, agido como perpetrador do imperialismo da Inglaterra em territórios como o os da Índia (Ohlmeyer, 2005). Historicamente, portanto, pode-se dizer que a Inglaterra e Irlanda possuem uma relação conturbada, e o domínio inglês sobre a Irlanda afetou diretamente a distribuição de alimentos no país, assim como também complicou ainda mais as relações políticas, religiosas e ideológicas da sociedade irlandesa. Isso para dizer que, apesar de se ver apenas a Irlanda no conto de Moore aqui apresentado, o país não existia desvinculado de um contexto político maior e mais complexo.

Além do contexto do país, há o contexto do autor irlandês. Como dito, George Moore nasceu no Condado de Mayo, a oeste da Irlanda. O oeste e o sul do país foram justamente as regiões que mais sofreram com a Grande Fome, segundo Kevin Kenny, em seu texto *Irish Emigration, c. 1845–1900* (2018), e foi no sul do país, na vila pesqueira de Duncannon, que o autor decidiu situar seu conto.

“Homesickness” (1903) conta parte da história de James Bryden, um irlandês que deixou a Irlanda muito jovem, provavelmente pelos mesmos motivos de vários imigrantes da época da Grande Fome, e imigrou para Nova Iorque, nos Estados Unidos. No conto, Bryden retorna à Irlanda bucólica e simples de sua infância para se curar de uma doença física. No entanto, passa a experimentar uma doença dos humores, sua mente começa a definhando, o que o faz desejar voltar à vida agitada e cosmopolita do Bowery, em Nova Iorque. Essa questão de não se sentir em casa estando em casa é uma realidade vivenciada por muitos dos imigrantes

irlandeses do século XIX, que, segundo Kevin Kenny (2018) têm um dos índices mais baixos de retorno ao país de origem, juntamente com os judeus.

Assim que chega, Bryden fica ansioso para rever tudo que tinha visto na infância, mas o país que ele lembrava já não era mais o mesmo. Estava arrasado pelos grandes problemas populacionais e políticos. No primeiro momento, a Irlanda é vista por ele como estagnada, vazia:

Quadro 3 — *Excerto 1*

Homesickness (1903)	Nostalgia (2023)
He had been thirteen years in America, and when the train stopped at his station, he looked round to see if there were any changes in it. It was just the same blue limestone station-house as it was thirteen years ago.	Ele estava há treze anos nos Estados Unidos, e quando o trem parou na estação, olhou ao redor para ver se ela tinha mudado. Era a mesma estação de calcário azul de anos atrás.

Fonte: elaborado pela autora.

Mas ele vê também a beleza da paisagem na “mansão georgiana, erguida sobre a agradável colina verdejante / the Georgian house standing on the pleasant green hill”, e quando começa a melhorar da sua doença física, “a magia da saúde recuperada é distração suficiente ao convalescente / the magic of returning health is the sufficient distraction for the convalescent” (Moore, 1903, tradução da autora).

Ao longo do conto, elementos qualitativos que caracterizam a Irlanda estão sujeitos aos humores de Bryden, ao seu estado físico e psicológico. Essa alteração do ambiente de acordo com o humor de James Bryden pode ser vista nas descrições contraditórias das atividades e paisagens. Quando ele está bem, o ambiente também parece estar bem. Nesses momentos, tudo aquilo que Bryden gosta da Irlanda — os passeios no lago, a pescaria, os morros verdejantes agradáveis — é personificado na mulher por quem ele se apaixona, Margaret:

Quadro 4 — *Excerto 2*

Homesickness (1903)	Nostalgia (2023)
Her cheeks were bright and her teeth small, white and beautifully even; and a woman’s soul looked at Bryden out of her soft Irish eyes.	Suas bochechas eram radiantes e seus dentes, pequenos, brancos e lindamente uniformes; e a alma de uma mulher observava Bryden de seus gentis olhos irlandeses.

Fonte: elaborado pela autora.

Bryden estava diante de um casamento com uma mulher que amava, tinha sido prometido uma casa e um dote generoso, o casal tinha tudo para ter uma vida tranquila, mas nada disso foi suficiente para que, determinado dia, James Bryden acordasse de seu sonho:

Quadro 5 — *Excerto 3*

Homesickness (1903)	Nostalgia (2023)
He must go away from this place — he must get back to the bar-room. Looking up he saw the scanty orchard, and he hated the spare road that led to the village, and he hated the little hill at the top of which the village began, and he hated more than all other places the house where he was to live with Margaret Dirken [...].	Precisava ir embora daquele lugar — precisava voltar ao bar. Olhando para cima, ele viu o pomar escasso, e odiou a estrada malcuidada que levava ao vilarejo, e odiou a pequena colina no topo da qual o vilarejo começava, e odiou mais do que todos os outros lugares a casa onde iria morar com Margaret Dirken [...].

Fonte: elaborado pela autora.

12

Isso evidencia como James Bryden se sente desconectado de sua terra natal, o que já é evidenciado no título da obra: *homesickness*, que significa estar com saudade de casa. No entanto, como ele está realmente doente e, ao longo do conto, evidencia-se sua incapacidade de permanecer na Irlanda e retomar sua vida anterior, vê-se que há também no título um jogo com seu estar doente fisicamente e com o ficar doente por estar de volta à Irlanda.

Entendendo a “Nostalgia”

Ao investigar um pouco mais a construção da “doença do lar” ao longo do conto, após diagnosticá-la, é possível buscar uma cura, uma solução. Peter Keating (1981) escreve, na introdução ao conto de Moore: “Em 7 de fevereiro de 1902, George Moore escreveu a seu editor: ‘Eu terminei doze histórias. Em cada uma delas há um padre e a Irlanda é representada por uma espécie de Tibet moderno.’”. Para Keating (1981), isso significa dizer que a Irlanda seria a representação de um país velho, cansado, retrógrado e dominado pelo clero, apesar de sua tranquilidade e beleza. A tese defendida aqui, entretanto, é a de que a literatura de Moore valoriza a Irlanda bucólica (Russel, 2007), embora a literatura com as imagens irônicas e ambíguas possa sugerir uma forte aversão.

No entendimento deste trabalho, a rejeição à Irlanda por parte de Bryden surge principalmente da sua inconformidade com a aparente resignação em relação à pobreza e à incapacidade de melhorar a situação, somada à sujeição aos valores religiosos retrógrados, no conto personificados na figura de um padre não nomeado. Não é rejeição, portanto, à Irlanda

propriamente dita, mas ao que ela, agora que ele se aclimatou aos Estados Unidos, representa para ele, o imigrante:

Quadro 6 — *Excerto 4*

Homesickness (1903)	Nostalgia (2023)
Was it for the sake of the money that he might make there that he wished to go back? No, it was not the money. What then? His eyes fell on the bleak country, on the little fields divided by bleak walls; he remembered the pathetic ignorance of the people, and it was these things that he could not endure. It was the priest who came to forbid the dancing. Yes, it was the priest. As he stood looking at the line of the hills the bar-room seemed by him. He heard the politicians, and the excitement of politics was in his blood again. He must go away from this place — he must get back to the bar-room.	Era pelo dinheiro que poderia ganhar lá que desejava voltar? Não, não era o dinheiro. O que, então? Seus olhos recaíram sobre aquela terra deprimente, sobre os campos separados por muretas deprimentes; lembrou-se da ignorância patética das pessoas, e eram essas coisas que não conseguia suportar. Era o padre que veio proibir a dança. Sim, era o padre. E enquanto olhava a linha dos morros, o bar apareceu diante dele. Escutou os políticos, e a euforia da política voltou ao seu sangue. Precisava ir embora daquele lugar — precisava voltar ao bar.

Fonte: elaborado pela autora.

O problema de Bryden não era o dinheiro ou a pobreza do país que ele descreve, mas a sociedade derrotada, submissa a uma religião que se vale dela para exercer sua influência, além da pouca velocidade de sua progressão, seu “progresso”, se comparado ao ritmo com o qual ele já se acostumara nos Estados Unidos. Quando Bryden retorna ao país americano, por exemplo, os leitores podem ver como ele se sente:

Quadro 7 — *Excerto 5*

Homesickness (1903)	Nostalgia (2023)
The moment he landed he felt the thrill of home that he had not found in his native village, and he wondered how it was that the smell of the bar seemed more natural than the smell of the fields, and the roar of crowds more welcome than the silence of the lake’s edge.	No momento em que desembarcou, sentiu a emoção do lar que não havia encontrado em seu vilarejo natal, e se perguntou como era possível que o cheiro do bar fosse mais natural para ele do que o cheiro dos campos, e o barulho da multidão mais acolhedor que o silêncio da beira do lago.

Fonte: elaborado pela autora.

O desgosto não está no estilo de vida rural em si, mas sim na forma como as pessoas ali a estão destruindo. Essa leitura parte do entendimento de que George Moore participava do *Irish Revival* no período que escreveu “Homesickness”, movimento que buscava valorizar a sociedade tradicional irlandesa, bastante rural, e se opor aos valores trazidos pelos ingleses, como é o caso da religião.

Richard Russel (2007) afirma que o conto é uma reflexão da alma de James Bryden, ou a falta de reflexão dela. Bryden se nega a felicidade de estar na Irlanda, se nega repensar sua própria existência ali naquele lugar e, em vez disso, retorna aos Estados Unidos, ao comércio e a uma vida em que não tem que assumir um papel dentro de uma comunidade. Ele sai da posição de “ser evidente” para os outros e, no lugar disso, “se perde” no anonimato da favela do Bowery, em Nova Iorque:

Thus, even though Bryden in “Homesickness” does not speak Irish and despite the story’s having been translated into the English language, Moore suggests that his rural, squalid Irish village functions as a latent site of cultural and personal renewal; Bryden’s re-emigration to America relegates him to a milieu characterized by commerce and trade and a lack of self-reflection. (Russel, 2007, n.p.)

Ao fim da vida, entretanto, mais uma vez vemos que James nunca se curou da sua doença, pois ele volta a sentir falta de casa, da Irlanda, e da vida que ele nunca teve:

14

Quadro 8 — *Excerto 6*

Homesickness (1903)	Nostalgia (2023)
His children married, lonesomeness began to creep about him; in the evening, when he looked into the fire-light, a vague, tender reverie floated up, and Margaret’s soft eyes and name vivified the dusk. His wife and children passed out of mind, and it seemed to him that a memory was the only real thing he possessed, and the desire to see Margaret again grew intense. But she was an old woman, she had married, maybe she was dead. Well, he would like to be buried in the village where he was born.	Com os filhos casados, a solidão começou a se esgueirar sobre ele. Durante a noite, quando olhava na luz do fogo, um devaneio vago e tenro emergia, e os olhos gentis e o nome de Margaret vivificavam o crepúsculo. Sua esposa e filhos deixavam seus pensamentos, e lhe parecia que uma lembrança era a única coisa real que possuía, e o desejo de ver Margaret novamente cresceu intensamente. Mas ela era uma mulher velha, tinha se casado, talvez estivesse morta. Bem, ele gostaria de ser enterrado no vilarejo onde nasceu.

Fonte: elaborado pela autora.

Esse “sentir saudade de casa”, essa “doença do lar”, em português é chamada de *nostalgia*, e foi o que levou à decisão de traduzir desta maneira o título da obra. A perda do trocadilho é inevitável, pois não há expressão letra por letra no português que pudesse ser utilizada. Entretanto, foi por isso que, ao longo da narrativa, determinados vocábulos foram traduzidos por palavras que remetem a doenças, como foi o caso de *deprimente* no excerto apresentado do Quadro 5³. Além disso, a palavra *nostalgia* está associada a um profundo

sentimento de tristeza, melancolia e saudade de casa, especialmente no sentido pátrio (Dicionário Aulete, n.d.), o que a torna uma opção adequada como tradução do título inglês.

É com nostalgia que termina o conto:

Quadro 9 — *Excerto 7*

Homesickness (1903)	Nostalgia (2023)
There is an unchanging, silent life within every man that none knows but himself, and his unchanging, silent life was his memory of Margaret Dirken. The bar-room was forgotten and all that concerned it, and the things he saw most clearly were the green hillside, and the bog lake and the rushes about it, and the greater lake in the distance, and behind it the blue lines of wandering hills.	Existe uma imutável e silenciosa vida dentro de cada pessoa, que ninguém além dela conhece, e a vida imutável e silenciosa dele era a lembrança que tinha de Margaret Dirken. O bar foi esquecido e tudo que lhe dizia respeito, e as coisas que via mais claramente eram a colina verdejante e o lago pantanoso e as plantas ao seu redor, e o grande lago ao longe, e atrás dele as linhas azuis das colinas errantes.

Fonte: elaborado pela autora.

James Bryden, na condição de imigrante, não conseguia mais voltar ao lar, pois seu novo lar e suas lembranças do passado o impediam de aceitar como a Irlanda era agora, fazendo-o preferir Nova Iorque e os Estados Unidos.

15

Considerações Finais

O conto “Homesickness” (1903) foi encontrado durante uma pesquisa mais extensa sobre o autor George Moore. É um texto que fala sobre uma temática sempre presente neste mundo em mobilidade. A tradutora deste texto escreve na condição de quem está longe de casa, de quem tem parentes fora do país, de quem vê todos os dias notícias de pessoas ao redor do globo que se deslocam, muitas vezes não por querer se afastar da terra natal, mas porque é preciso. *Nostalgia*, como se apresenta agora o conto de George Moore, é um belo exemplo da literatura irlandesa que se espera ressoar para o público brasileiro. Uma Irlanda campestre presa no passado diante de um mundo que só faz correr, ou uma Irlanda que apenas existe em mais um dos modos de viver nesse mundo, mas cuja existência se torna paradoxal para quem sai dela.

A Irlanda de 2023 passa por mais um momento conturbado de sua história, um que se inflamou, talvez, pela saída do Reino Unido da União Europeia, acentuando ainda mais a complicada relação entre a Irlanda do Norte, território do Reino Unido, e da República da Irlanda, ao sul. Um país tão pequeno que ao longo da sua existência foi palco para várias

guerras e conflitos, para a Grande Fome, para os *Troubles*, nos anos 1990, e que sempre existiu nesse contexto conflituoso.

Pode ser vista, no Brasil, uma situação que, embora não necessariamente igual, possui semelhanças em sua história. O país foi, em certo momento, colônia portuguesa, assim como a Irlanda foi da Inglaterra. E assim como a Irlanda foi agente da colonização inglesa nas Índias, tendo se formado em meio a uma crise de colonizador–colonizado, o povo brasileiro Brasil formou-se em grande parte como subalterno aos portugueses, depois tornando-se agentes colonizadores-colonizados que, tal qual os portugueses, praticaram o genocídio dos povos originários e tantas outras etnias que foram aqui escravizadas. Nossa relação complexa com o passado histórico gera um presente tenso, com muitas sequelas refletidas na condição socioeconômica do país. Muitos brasileiros escolhem deixar o Brasil em busca de novos horizontes e melhores condições de vida. Essa busca por novos horizontes é motivada pela ânsia de um futuro mais promissor, em um contexto no qual o legado histórico ainda causa impactos significados no coletivo, e na forma como, individualmente, lidamos com nossa terra natal.

16

Apesar de mais de um século de distância, os problemas socioeconômicos existem de maneira similar, e, se posto em perspectiva, pode-se ver em James, também, o imigrante brasileiro. Se, no século XIX, Kevin Kenny (2018) afirmou que a maior parte dos imigrantes irlandeses escolheu não retornar à pátria, um levantamento indica que 2021 teve a maior taxa de brasileiros que deixaram o país e que não retornaram (cerca de 17%), e não pretendem retornar ao Brasil (Fagundes & Gombata, 2022), tal qual James Bryden, apesar da grande saudade de casa.

Por último, é preciso dizer que foi após a tradução aqui apresentada que a autora encontrou uma tradução anterior de “Homesickness” (1903). Na tradução de Augusta Vono, o conto foi publicado na obra *Guirlanda de Histórias: Uma Antologia do Conto Irlandês*, organizada por Munira H. Mutran, em 1996, e reproduzida em *A Batalha das Estéticas* (2015), também de Mutran, obra em que a autora teve acesso à tradução de Vono (1996). Não foi possível considerar a tradução anterior no presente estudo, mas ela se torna relevante para possíveis comentários futuros, especialmente de cunho comparativo. Abrem-se, então, portas para maiores investigações tradutológicas e estéticas. Mesmo com uma tradução anterior, uma retradução é válida, especialmente se considerada a distância temporal de mais de vinte anos da anterior até o momento da escrita, e a dificuldade de acesso à tradução de 1996.

O conto de George Moore poderia, sem grandes modificações, ser reimaginado no Brasil atual. Espera-se que a leitura abra portas para um maior diálogo do Brasil com a Irlanda, e para a reflexão da vivência das pessoas que migram.

REFERÊNCIAS

- Aixelá, J. (2013). Itens Culturais-Específicos em Tradução. In *Traduções*, 5(8), 185–218.
- Bennett, L. (1977). George Moore and James Joyce: Story-teller versus Stylist. *Studies: An Irish Quarterly Review*, 66(264), 275–291. <http://www.jstor.org/stable/30090092>
- Berutti, E. (2013). Albert Nobbs: Mulher, masculinidade e passing. In A. L. Henriques (Ed.), *Feminismos, identidades, comparativismos: vertentes nas literaturas de língua inglesa—Vol. XII* (pp. 20–30). Letra Capital.
- Britto, P. H. (2016). *A tradução literária*. Civilização brasileira.
- Carita, H. (2015). *A Casa Senhorial em Portugal*. Leia.
- Casanova, P. (2002). *República mundial das letras*. Estação Liberdade.
- Carbonieri, D. (2016). "Subjetividades e transgeneridades" (*Literatura e transgeneridade: rupturas em Albert Nobbs de George Moore*) [Mesa-redonda]. *Vamos Falar de Gênero? Subjetividades, Resistências e Estéticas*, Cuiabá. 17
- Co. Dublin. (n.d.). *Townlands in Co. Dublin*. Townlands. Retrieved February 15, 2023, from <https://www.townlands.ie/dublin/>.
- Éireann, T. (n.d.). *Civil Parishes – OSI National Statutory Boundaries – 2019*. Surveying Open Data Portal. Retrieved February 25, 2023, from <https://data-osi.opendata.arcgis.com/datasets/osi::civil-parishes-osi-national-statutory-boundaries-2019/about>
- Fagundes, Á., & Gombata, M. (2022). Taxa de brasileiros que saem do país e não voltam é maior em 11 anos. *Valor Econômico*. Retrieved November 30, 2023, from <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/04/08/brasileiro-volta-a-buscar-no-externo-uma-vida-melhor.ghtml>
- Igoe, B. (2012, December 14). *Charles Bianconi and the Transport Revolution, 1800 – 1875: How a self-made Italian entrepreneur helped to revolutionise travel in 19th century Ireland*. The Irish Story. Retrieved February 20, 2023, from https://www.theirishstory.com/2012/12/14/charles-bianconi-and-the-transport-revolution-1800-1875/#.Y_uIS3bMIuE
- Irish Family History Foundation. (n.d.). *Townlands in Ireland – Roots Ireland*. Retrieved February 26, 2023, from <https://www.rootsireland.ie/townlands-in-ireland/>

-
- Jeffares, A. (1965). *George Moore*. The British Council; The National Book League; Longmans, Green & CO.
- Kain, R. M. (1962). *Dublin – in the age of William Butler Yeats and James Joyce*. University of Oklahoma Press.
- Kanter, D. (2018). Post-Famine politics, 1850–1879. In J. Kelly (Ed.), *The Cambridge History of Ireland: Volume III, 1730–1880*. Cambridge University Press.
- Keating, P. (Ed.). (1981). *Nineteenth century short stories*. Longman House.
- Kelly, J. (Ed.). (2018). *The Cambridge History of Ireland: Volume III, 1730–1880*. Cambridge University Press.
- Kenny, K. (2018). Irish Emigration, c. 1845–1900. In J. Kelly (Ed.), *The Cambridge History of Ireland: Volume III, 1730–1880*. Cambridge University Press.
- Marx, K. (2013). *O Capital: crítica da economia política — Livro I, o processo de produção do capital*. Boitempo.
- Moore, G. (2018). *Complete Works of George Moore*. Delphi Classics.
- Moore, G. (1903). Homesickness. In *The Untilled Field* (pp. 153–174). T. Fisher Unwin. <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.208373/page/n1/mode/2up>
- Moore, G. (1903). Homesickness. In P. Keating (Ed.), *Nineteenth Century Short Stories* (pp. 186–198). Cambridge University Press.
- Moore, G. (1987). *O Outro Sexo de Albert Nobbs*. Hiena.
- Moore, G. (1996). Saudade de Casa. In M. Mutran (Ed.), *A Batalha das Estéticas* (pp. 105–118). Humanitas.
- Nord, C. (2016). Lealdade Em Vez de Fidelidade: proposta de uma tipologia funcional da tradução. *Cadernos de Tradução*, número especial, 9–24.
- Nord, C. (2018). *Translating as a Purposeful Activity: functionalist approaches explained*. Routledge.
- Nostalgia. (n.d.). In *Dicionário Aulete*. Retrieved November 22, 2022, from <https://aulete.com.br/nostalgia>
- Ohlmeyer, J. (2005). A laboratory for Empire?: Early Modern Ireland and English Imperialism. In *Oxford University Press eBooks* (pp. 26–60). <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199251841.003.0002>
- Pierse, M. (Ed.). (2006). *George Moore: artistic visions and literary worlds*. Cambridge Scholars Press.

Russel, R. (2007). Escaping the examined life in George Moore's "Home Sickness." *Journal of the Short Story in English*, 48, 1–14. <http://journals.openedition.org/jsse/681>

Townland. (n.d.). In *Merriam-Webster Dictionary*. Retrieved February 12, 2023, from <https://www.merriam-webster.com/dictionary/townland>

UK Parliament. (n.d.). *Landlords and farmers*. Retrieved March 14, 2023, from <https://www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/towncountry/landscape/overview/landlordsfarmers/>

NOSTALGIA, DE GEORGE MOORE

Ele disse ao médico que precisava estar no bar às oito da manhã em ponto; o bar ficava em uma favela na vizinhança do Bowery, e foi apenas levantando-se às cinco da manhã e fazendo longas caminhadas no Central Park que tinha sido capaz de se manter saudável.

— Você precisa de uma viagem marítima —, o médico disse. — Por que não passa uns dois ou três meses na Irlanda? Vai voltar um homem novo.

— Seria bom ver a Irlanda mais uma vez.

E então começou a pensar sobre como as pessoas em casa estariam. O médico estava certo. Agradeceu, e três semanas depois desembarcou em Cork.

Enquanto se acomodava no vagão do trem, relembrava sua vila natal — podia vê-la e também o lago, e depois os campos, um a um, e as estradas. Podia ver um grande terreno pedregoso — uns 120 ou 160 hectares de terra não arada se estendendo até o lago tortuoso. Os donos passados da mansão georgiana, erguida sobre a agradável colina verdejante, haviam permitido aos camponeses que construíssem suas moradias nesse terreno. Os donos atuais consideravam a vila uma desgraça, mas os aldeões pagavam caro para manter seus lotes de terra. E todo o trabalho braçal requerido pela Casa Senhorial vinha da vila: os jardineiros, os ajudantes de estábulo, os serventes da casa e da cozinha.

Estava há treze anos nos Estados Unidos, e quando o trem parou na estação, olhou ao redor para ver se havia mudado. Era a mesma construção de calcário azul de anos atrás. A plataforma e os alpendres eram os mesmos, e a estrada de lá até Duncannon tinha oito quilômetros. A viagem marítima o fizera bem, mas oito quilômetros eram longe demais para ele hoje em dia; a última vez em que andara pela estrada, ele a havia cruzado em uma hora e meia, carregando uma trouxa pesada amarrada a uma vara.

Lamentava não se sentir forte o suficiente para a caminhada; era uma noite agradável, e poderia encontrar muita gente voltando para casa da feira, algumas das quais conhecera em sua juventude, e eles o diriam onde poderia conseguir um alojamento limpo. Mas o cocheiro poderia fazer isso; chamou o coche que estava de prontidão ao lado da estação e logo estava respondendo perguntas sobre os Estados Unidos. Mas Bryden queria era saber de quem ainda vivia no velho país, e depois de escutar histórias sobre um monte de pessoas das quais já tinha esquecido, descobriu que Mike Scully, que por vários anos em um arranjo como cocheiro no King's County, havia retornado e construído uma bela casa com chão de concreto. Agora havia um bom sótão na casa de Mike Scully, e ele adoraria receber um hóspede.

Bryden lembrou-se que Mike tinha um arranjo com a Casa Senhorial; estava para virar um jóquei, mas sofreu um estirão e se tornou um belo rapaz alto, e, em vez disso, acabou virando cocheiro. Bryden tentou recordar o rosto, mas só conseguiu se lembrar de um nariz reto e uma tez um pouco escura. Mike tinha sido um de seus heróis de infância, e sua juventude emergiu diante dele, e teve um vislumbre de si, algo mais vívido que um fantasma e menos vívido que uma realidade. De repente, seu devaneio foi desfeito: o cocheiro apontou com o chicote, e Bryden viu um homem de meia idade alto e de bom porte passando pelos portões, e o motorista disse:

— Olha aí, Mike Scully.

Mike havia se esquecido de Bryden ainda mais completamente que Bryden o tinha esquecido, e muitas tias e tios precisaram ser mencionados antes que começasse a se situar.

— Você cresceu, James. Virou um belo rapaz — ele disse, medindo a largura dos ombros de Bryden. — Mas está com o rosto magro, e com as bochechas pálidas também.

— Não tenho estado muito bem ultimamente, é uma das razões do meu retorno; mas também quero rever todos vocês.

Bryden pagou o motorista, desejou-lhe um “vá com Deus”, e ele e Mike dividiram as malas entre si, com Mike carregando a mala e Bryden a trouxa, e caminharam ao redor do lago, pois a povoação ficava nos fundos das terras do domínio; e enquanto caminhavam, James propôs o pagamento de dez xelins por semana por sua estadia e alojamento.

Lembrou-se dos bosques vastos e densos; agora estavam desgastados pelo vento, os sorvedouros obstruídos, e a ponte que levava ao outro lado da baía do lago estava caindo aos pedaços. O caminho atravessava longos campos onde rebanhos de gado pastavam; a estrada estava destruída — Bryden se perguntou como os aldeões passavam com suas carroças por ela, e Mike o disse que o senhorio não tinha condições de mantê-la e não permitia que fosse consertada por fora das taxas, porque desta forma se tornaria uma via pública, e para ele não deveria haver uma via pública atravessando sua propriedade.

Ao final de muitos campos eles chegaram ao vilarejo, e parecia um lugar desolado, mesmo nesta bela noite, e Bryden notou que o condado não parecia mais tão habitado quanto costumava ser. Foi ao mesmo tempo estranho e familiar ver as galinhas na cozinha; e, desejando se reaproximar dos antigos hábitos, implorou à sra. Scully que não as enxotasse, dizendo que não se importava. Mike disse à esposa que Bryden havia nascido em Duncannon, e quando mencionou seu nome, ela lhe estendeu a mão depois de enxugá-la no avental, dizendo que era mais do que bem-vindo, mas que temia que o sótão não fosse agradá-lo.

— Por que eu não dormiria num sótão, um sótão arejado? Vocês por aqui estão superestimando a América — disse, — mas não acho que seja tudo isso. Aqui se trabalha quando se quer e se descansa na mesma medida. Mas quando se sofre de infecção sanguínea como eu sofri, e quando se vê pessoas jovens andando de bengala, percebe-se que a velha Irlanda merece certo respeito.

— Por que não toma um golinho de leite? Deve estar com sede depois da viagem — a sra. Scully disse.

E depois que ele bebeu o leite, Mike Scully perguntou-lhe se gostaria de entrar ou de sair para uma caminhada.

— Acho que você prefere se sentar.

E entraram na casa e começaram a conversar sobre quanto se podia ganhar lá nos Estados Unidos, e sobre os turnos longos de trabalho.

E depois de Bryden contar tudo sobre a América que pensava ser do interesse de Mike, perguntou sobre a Irlanda. Mas Mike não parecia capaz de dizer nada muito interessante. Eram todos muito pobres — mais pobres, talvez, do que quando tinha ido embora.

22 — Eu não conheço ninguém além de mim que tenha cinco libras no bolso.

Bryden torceu ter demonstrado simpatia suficiente por Mike, mas, no fim das contas, a vida e a situação dele pouco lhe importavam. Tinha vindo em busca de saúde e já se sentia melhor; o leite lhe fizera bem, e o bacon com repolho na panela exalava um aroma saboroso. Os Scully eram muito gentis, insistiram que comesse bem; algumas semanas do ar e da comida da roça, disseram, trariam de volta a saúde que tinha perdido na Bowery; e quando Bryden disse que estava querendo um cigarro, Mike disse não haver um sinal melhor do que aquele. Durante o tempo que estivera doente, nunca quis fumar, e era um fumante assíduo.

Era confortável se sentar ao redor da fogueira de turfa e assistir à fumaça dos cachimbos subir pela chaminé, e tudo que Bryden queria era ficar só; não queria ficar ouvindo sobre os infortúnios de ninguém, mas às nove um grupo de aldeões chegou, e a aparência deles era deprimente. Bryden se lembrou de uns dois deles — costumava conhecê-los muito bem quando menino; a conversa deles era tão deprimente quanto a aparência, e não conseguia se interessar nem um pouco por aquelas pessoas. Não se emocionou ao escutar que Higgins, o pedreiro, falecera; não foi afetado ao saber que Mary Kelly, que costumava ser a lavadeira da Casa Senhorial, tinha se casado; só se interessou quando escutou que ela tinha ido para os Estados Unidos. Não, não a tinha encontrado por lá, a América era um lugar grande. Então, um dos camponeses perguntou-lhe se por acaso recordava-se de Patsy Carabine, que costumava cuidar

dos jardins da Casa Senhorial. Sim, ele se lembrava bem de Patsy. Agora estava no asilo. Não tinha conseguido trabalhar por conta do braço; a casa desabara; abria mão das terras e fora para o abrigo. Tudo isso era muito triste, e para não precisar escutar mais desagrados, Bryden começou a lhes contar dos Estados Unidos. E sentaram-se ao redor dele para escutar, mas toda a falação ficou a cargo dele; cansou-se e, passando a vista pelo grupo, reconheceu um corcunda maltrapilho com cabelo grisalho. Vinte anos atrás era um jovem corcunda, e se virando para o homem, Bryden perguntou se estava se dando bem com seus dois hectares de terra.

— Ah, não muito. Essa estação foi ruim. As batatas não vingaram, estavam só água, não tinha sustância nelas.

Todos aqueles camponeses concordavam que nada se podia produzir em suas fazendas. O arrependimento deles era não terem ido para a América enquanto ainda eram jovens. E depois de tentar se interessar pelo fato de O'Connor ter perdido uma égua e um potro equivalentes a quarenta libras, Bryden começou a desejar voltar para a favela. E quando se retiraram da casa, ele se perguntou se toda noite seria como aquela estava sendo. Mike colocou novos torrões no fogo, na esperança de que iluminasse o sótão o suficiente para Bryden poder se trocar.

O grasnado de alguns gansos na estrada o manteve acordado, e a solidão do campo pareceu penetrar seus ossos e congelar a medula dentro deles. Havia um morcego no sótão — um cachorro uivou ao longe — e então ele cobriu a cabeça com as roupas. Nunca antes tivera sido tão infeliz, e o som de Mike respirando ao lado da esposa na cozinha aumentava seu terror nervoso. Então cochilou um pouco; e deitado de costas, sonhou que estava acordado, e que os homens que ele viu sentados ao redor do fogo naquela noite pareciam-lhe espectros saídos de uma região desconhecida de charcos e lagos juncosos. Esticou os braços para pegar as roupas, determinado a fugir dessa casa, mas se lembrando da estrada solitária que levava até a estação, despencou novamente em seu travesseiro. Os gansos continuavam grasnando, mas estava cansado demais para continuar acordado. Parecia ter dormido por apenas alguns minutos quando escutou Mike o chamando. Mike tinha subido até o meio da escada e o avisava que o café estava pronto. “Que tipo de café vão me servir?”, Bryden pensou enquanto se vestia. Havia chá e panquecas doces no café da manhã, e também ovos frescos; a luz do sol entrava na cozinha e gostou de ouvir Mike contar como seria o trabalho no campo. Mike alugava uma fazenda de cerca de seis hectares, pelo menos quatro deles eram de pasto; cultivava meio hectare de batatas e um pouco de milho, além de nabos para as ovelhas. Tinha um belo trecho de campina, e pegou a foice, e enquanto afixava a pedra de amolar em seu cinto, Bryden notou uma segunda foice e perguntou a Mike se poderia ir com ele para ajudar a limpar o terreno.

— Você não capina faz é tempo. Acho que não vai ser de muita ajuda, não. Melhor ir caminhar na beira do lago, mas pode vir de tarde se quiser, pra me ajudar a arar a terra.

Bryden temia que a beira do lago fosse muito solitária, mas a magia da saúde recuperada é distração suficiente ao convalescente, e sua manhã foi agradável. O tempo estava calmo e ensolarado. Podia escutar os patos em meio ao caniço. As horas devaneavam-se e tornou-se hábito ir ao lago todas as manhãs. Numa manhã, conheceu o senhorio, e eles caminharam juntos, falando daquelas terras, do que elas já foram e das ruínas que estavam se tornando. James Bryden disse que a saúde o trouxera de volta à Irlanda; o senhorio lhe emprestou seu barco, e Bryden remou entre as ilhas, e descansando apoiado nos remos, observou os castelos antigos, e lembrou-se dos invasores pré-históricos dos quais o senhorio lhe tinha contado. Encontrou rochas usadas pelos antigos habitantes do lago para amarrar seus barcos, e esses sinais da Irlanda anciã agradavam Bryden em seu estado atual.

Além do grande lago, havia um menor na região pantanosa, usado pelos aldeões para cortar turfa. Esse lago era famoso pelo lúcio, e o senhorio deu permissão a Bryden para pescar ali, e uma noite, enquanto procurava um sapo para usar de isca, conheceu Margaret Dirken, pastoreando as vacas de volta para a ordenha. Margaret era filha do ordenhador e vivia numa cabana próxima à Casa Senhorial, mas sempre ia até a vila quando havia um baile. Bryden se viu do lado oposto ao dela na linha de pesca, mas até esta noite, não tivera oportunidade de falar com a mulher, e estava grato por falar com alguém, pois era uma noite solitária, e permaneceram juntos conversando.

— Sua saúde está voltando — ela disse. — Vai nos deixar logo mais.

— Não estou com pressa.

— Vocês são gente importante por lá. Me disseram que pagam quatro dólares por dia de trabalho a alguém.

— E quanto alguém precisa pagar — James disse — por suas roupas e comida?

Suas bochechas eram radiantes e seus dentes, pequenos, brancos e lindamente uniformes; e a alma de uma mulher observava Bryden de seus gentis olhos irlandeses. Ficou nervoso e se virou, e pondo a vista num sapo o encarando do meio de um tufo de grama, disse:

— Eu estava procurando por um sapo para pegar um lúcio.

O sapo pulou para lá e para cá, e quase escapou por entre uns arbustos, mas o capturou e voltou com o sapo em mãos.

— É exatamente o tipo de sapo que um lúcio vai gostar — ele disse — Olha pra esse barrigão branco e essas costas de amarelo bem vivo.

E sem mais esperar, empurrou o fio do anzol pelo corpo fresco do sapo e, atravessando a boca, passou os ganchos pelas patas traseiras e amarrou a linha no fim do fio.

— Acho — Margaret disse — que preciso dar conta das minhas vacas, está na hora de levá-las pra casa.

— Não quer vir comigo até o lago enquanto jogo a linha?

Ela pensou por um momento e disse:

— Não, eu olho você daqui.

Ele desceu até o lago juncoso, e, ao se aproximar, várias narcejas apareceram e voaram sobre sua cabeça piando agudo. Sua vara de pescar era um longo graveto de aveleira, e arremessou o sapo o mais longe que pôde dentro do lago. Ao fazê-lo, agitou alguns patos selvagens; um pato-real e dois patos comuns ergueram-se no ar e voaram na direção do lago maior. Margaret os observou, voaram na mesma linha de um castelo antigo e ainda não tinham desaparecido de vista quando Bryden se aproximou dela, e eles levaram juntos as vacas naquela noite.

Não tinham se encontrado ainda muitas vezes quando ela disse:

— James, é melhor não vir muito aqui procurando por mim.

— Não quer que eu venha?

— Quero que venha, sim, mas ficar acompanhada não é costume aqui, e não quero que fiquem falando de mim.

— Está com medo de que o padre fale mal de nós do altar?

— Ele já censurou as mulheres que ficam acompanhadas, mas não é muito o que o padre diz, pois não tem mal nenhum em conversar.

— Mas se um dia for se casar, não tem mal nenhum em caminhar juntos.

— Bem, não muito, mas casamentos são diferentes nessas bandas. Não tem muito cortejo por aqui.

E no dia seguinte ficou-se sabido na vila que James se casaria com Margaret Dirken.

Seu desejo de superar os rapazes na dança havia despertado muita alegria na paróquia, e por algum tempo houve dança em todas as casas onde havia um piso adequado para se dançar; e se o morador não tivesse dinheiro para pagar um barril de cerveja, James Bryden, que tinha dinheiro, mandava-lhe um barril para que Margaret pudesse dançar. Ela contou-lhe que algumas vezes eles iam até outra paróquia onde o padre não era tão averso a danças, e James começou a pensar. E no dia seguinte, durante a missa, pensou na fé simples deles. Alguns erguiam as mãos ao alto enquanto oravam, e tudo aquilo era muito novo e muito velho para

James Bryden. Mas a obediência daquelas pessoas ao seu padre o surpreendia. Quando era um garoto, eles não eram tão obedientes assim, ou tinha se esquecido da obediência. E escutou num misto de raiva e admiração o padre que dava um sermão a seus paroquianos, falando com eles pelo nome, contando que tinha ouvido dizer que havia dança acontecendo em suas casas. Pior ainda, disse ter visto moças e rapazes perambulando pelas estradas, e a conversa que se tinha era de um tipo: amor. Disse que os jornais contendo histórias de amor estavam chegando às casas das pessoas, histórias sobre amor, nas quais nada de edificante ou enobrecedor havia. As pessoas escutavam, aceitando a opinião do padre sem questionar. E a submissão deles era patética. Era o tipo de submissão que um povo primitivo tinha a uma autoridade religiosa, e Bryden comparou a fraqueza e incompetência das pessoas ao seu redor com a inquietude moderna e a energia fria daqueles que ele tinha deixado para trás.

Certa noite, enquanto dançavam, bateram à porta, e o flautista parou de tocar, e os dançarinos cochicharam:

— Alguém denunciou a gente, é o padre.

26 E os aldeões amedrontados se juntaram em volta da fogueira da cabana, com medo de abrir a porta. Mas o padre falou que, se não abrissem, meteria o ombro nela e a forçaria. Bryden foi em direção à porta, dizendo que não permitiria que ninguém o ameaçasse, padre ou não, mas Margaret segurou seu braço e explicou que se dissesse alguma coisa ao padre, o padre falaria mal deles no altar, e eles seriam excluídos pelos vizinhos. Foi Mike Scully quem foi até a porta e deixou o padre entrar, e ele entrou dizendo que estavam dançando pelo caminho da porta do inferno.

— Fiquei sabendo o que têm feito — disse, — da bebedeira e da dança. Não vou tolerar isso em minha paróquia. Se querem esse tipo de coisa, melhor irem para a América.

— Se isso foi para mim, senhor, eu volto amanhã mesmo. Margaret pode vir comigo.

— Não é a dança, é a bebida que é o problema — o padre disse, virando-se para Bryden.

— Bem, ninguém bebeu muito, senhor — disse Bryden.

— Mas vocês vão ficar aqui bebendo a noite toda — E os olhos do padre se voltaram para o canto onde as mulheres tinham se juntado, e Bryden sentiu que o padre as olhava com mais medo do que olhava a cerveja.

— Já passou da meia-noite — disse, tirando o relógio do bolso. De acordo com o relógio de Bryden eram apenas onze e meia, e enquanto discutiam a hora, o sr. Scully ofereceu o guarda-chuva de Bryden ao padre, pois na pressa de parar a festa, ele saíra sem o seu. E como

forma de mostrar a James que não tinha má vontade com ele, o padre aceitou o empréstimo do guarda-chuva, pois tinha em mente a gorda taxa de casamento que Bryden o pagaria.

— Eu vou ter problemas amanhã sem o guarda-chuva — Bryden disse assim que o padre saiu da casa. Estava para ir com seu sogro a uma feira. O sogro o estava ensinando a comprar e vender gado. E o sogro dizia que o país estava se recuperando, e que um homem poderia ficar rico na Irlanda se tivesse pelo menos um pouco de capital. Bryden tinha o capital, e Margaret tinha um tio do outro lado do lago que deixaria tudo que tinha para ela, um total de cinquenta libras, e nunca na vila de Duncannon um jovem casal começara a vida com tanta perspectiva de sucesso quanto James Bryden e Margaret Dirken.

Pouco depois do Natal ser apontado como o melhor período para o casamento, James Bryden disse que não conseguiria trazer seu dinheiro dos Estados Unidos antes da primavera. A demora parecia irritá-lo, e parecia ansioso para se casar, até que um dia recebeu uma carta do outro continente, de um homem que havia trabalhado no bar com ele. Esse amigo escreveu perguntando a Bryden se voltaria. A carta não passava de um desejo passageiro de ver Bryden novamente. No entanto, Bryden ficou parado olhando para ela, e todos se perguntaram o que poderia estar escrito ali. Pareceu significativo, e eles quase não acreditaram quando disse que era de um amigo que queria saber se já estava melhor de saúde. Tentou esquecer da carta, e olhou para os campos gastos, divididos por muros de pedras soltas, e uma grande tristeza o acometeu.

O cheiro da favela do Bowery atravessou o Atlântico e o encontrou nesse promontório ocidental; e certa noite acordou de um sonho no qual expulsava uns clientes bêbados porta afora para a escuridão. Tinha visto seu amigo com sua jaqueta de lona branca servindo bebida de taça em taça, em meio ao barulho das vozes e dos sotaques estranhos. Escutara o tilintar do dinheiro ao ser colocado no caixa, e seus sentidos entraram em abstinência do bar. Mas como diria a Margaret Dirken que não poderia se casar com ela? Ela tinha planejado a vida toda ao redor desse casamento. Não poderia dizer que não se casaria... e mesmo assim, precisava ir embora. Sentiu-se como se estivesse sendo caçado; o pensamento de ter de contar a Margaret que não poderia se casar o atormentava dia após dia, como uma doninha caçando um coelho. De novo e de novo foi encontrá-la com a intenção de dizer que não a amava, que não foram feitos um para o outro, que tudo tinha sido um erro, e que felizmente ele descobrira antes que fosse tarde demais. Mas Margaret, como se tivesse adivinhado do que falaria, jogou seus braços sobre ele e implorou que dissesse que a amava, e que logo estariam casados. Ele concordou que a amava, e que logo estariam casados. Mas não fazia muitos minutos que a tinha deixado

quando lhe invadiu o sentimento de que não podia se casar com ela — que precisava ir embora. O cheiro do bar começou a persegui-lo. Era pelo dinheiro que poderia ganhar lá que desejava voltar? Não, não era o dinheiro. O que, então? Seus olhos recaíram sobre aquela terra deprimente, sobre os campos separados por muretas deprimentes; lembrou-se da ignorância patética das pessoas, e eram essas coisas que não conseguia suportar. Era o padre que veio proibir a dança. Sim, era o padre. E enquanto olhava a linha dos morros, o bar apareceu diante dele. Escutou os políticos, e a euforia da política voltou ao seu sangue. Precisava ir embora daquele lugar — precisava voltar ao bar. Olhando para cima, viu o pomar escasso, e odiou a estrada malcuidada que levava ao vilarejo, e odiou a pequena colina no topo da qual o vilarejo começava, e odiou mais do que todos os outros lugares a casa onde iria morar com Margaret Dirken — caso se casasse com ela. Conseguia ver a construção de onde estava — na beira do lago, com oito hectares de pasto ao seu redor, pois o senhorio havia cedido parte de sua terra a eles.

Avistou Margaret e a chamou para que subisse as escadas.

— Acabei de receber uma carta da América.

— Sobre o dinheiro? — ela perguntou.

— Sim, falando do dinheiro. Mas eu vou precisar ir até lá.

Ficou olhando para ela, procurando como se expressar; e ela adivinhou, notando sua aflição, que ele diria que precisava ir à América antes que se casassem.

— Você quer dizer, James, que precisa ir logo?

— Sim — ele disse, — logo. Mas volto a tempo de nos casarmos em agosto. Apenas um mês a mais até o nosso casamento.

Caminharam um pouco enquanto conversavam. A cada passo que dava, James se sentia mais perto da favela do Bowery. Quando chegaram ao portão, Bryden disse:

— Preciso me apressar, ou perderei o trem.

— Mas — ela disse — você não vai agora... não pode estar indo hoje?

— Vou, já esta manhã. São onze quilômetros. Preciso correr para não perder o trem.

E ela perguntou se ele voltaria um dia.

— Sim — respondeu. — Eu volto.

— Se vai voltar, James, por que não me leva com você?

— Você não conseguiria andar rápido o suficiente. Perderíamos o trem.

— Espere, James. Não me faça sofrer, me diga a verdade. Você não vai voltar. Suas roupas, para onde as devo mandar?

Ele se foi depressa, na esperança de que voltaria. Tentou pensar que gostava do país que estava deixando, que seria melhor ter uma casa de campo e viver ali com Margaret Dirken do que servir bebidas atrás de um balcão na Bowery. Não pensou que estava contando uma mentira a ela quando disse que voltaria. Ter se oferecido para enviar suas roupas tocou seu coração, e no fim da estrada, ele se perguntou se deveria voltar para ela. Perderia o trem se ficasse ali mais um minuto, e correu. E teria perdido o trem se não tivesse encontrado um coche. Assim que embarcou, sentiu-se seguro — o país já estava para trás. O trem e o navio em Cork eram apenas praxe, ele já estava nos Estados Unidos.

No momento em que desembarcou, sentiu a emoção do lar que não havia encontrado em seu vilarejo natal, e se perguntou como era possível que o cheiro do bar fosse mais natural para ele do que o cheiro dos campos, e o barulho da multidão mais acolhedor que o silêncio da beira do lago. Mesmo assim, deu graças por ter escapado, e começou as negociações para a compra do bar.

Casou-se com uma mulher, e ela lhe deu filhos e filhas; o bar prosperou, propriedades vieram e se foram; envelheceu, sua esposa faleceu, ele se aposentou dos negócios, e chegou à idade em que as pessoas começam a sentir que não lhes faltam mais muitos anos pela frente, e que tudo que tinham para fazer na vida já havia sido feito. Com os filhos casados, a solidão começou a se esgueirar sobre ele. Durante a noite, quando olhava a luz do fogo, um devaneio vago e tenro emergia, e os olhos gentis e o nome de Margaret vivificavam o crepúsculo. Sua esposa e filhos deixavam seus pensamentos, e lhe parecia que uma lembrança era a única coisa real que possuía, e o desejo de ver Margaret novamente cresceu intensamente. Mas ela era uma mulher velha, tinha se casado, talvez estivesse morta. Bem, ele gostaria de ser enterrado no vilarejo onde nasceu.

Existe uma imutável e silenciosa vida dentro de cada pessoa, que ninguém além dela conhece, e a vida imutável e silenciosa dele era a lembrança que tinha de Margaret Dirken. O bar foi esquecido e tudo que lhe dizia respeito, e as coisas que via mais claramente eram a colina verdejante e o lago pantanoso e as plantas ao seu redor, e o grande lago ao longe, e atrás dele as linhas azuis das colinas errantes.

FIM

AGRADECIMENTOS

Agradeço à FAPESC pelo apoio continuado à minha pesquisa, à minha orientadora Professora Vanessa Hanes pelas orientações várias e a meus amigos pelas consultas e leituras.

REFERÊNCIAS

Moore, G. (1903). Homesickness. *The Untilled Field* (pp. 153–174). T. Fisher Unwin.
<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.208373/page/n1/mode/2up>

¹ Este texto se encontra em domínio público e não necessita de autorização prévia para ser publicado.

² No texto-fonte: “Joyce praised *Vain Fortune* (1892), by Moore’s own admission one of his worst novels, and claimed it as the inspiration for ‘The Dead’, while Moore considered ‘The Dead’ to be the only story in *Dubliners* worth reading.”

³ What then? His eyes fell on the **bleak** country, on the little fields divided by **bleak** walls [...] / Seus olhos recaíram sobre aquela terra **deprimente**, sobre os campos separados por muretas **deprimentes** [...]